

# A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Vol. II.

Domingo 1 de Junho de 1836

N. 17

A redacção da *Saudade* agradece á do *Diario do Rio de Janeiro*, as benévolas expressões com que se dignou recomendar este jornal á protecção do publico.

## RELATORIO

### DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ

Presentado em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira.

(Conclusão).

O *Gremio Litterario Portuguez* cessou com seus trabalhos de conversação familiar e recreativa, para se entregar ao desenvolvimento da sua filha tão querida, a *Saudade*. Retirando-se para sua terra natal, para o nosso bello Portugal, o Sr. Bernardino Pinheiro; a Comissão sobrecarregada de afazeres particulares, resolveu entregar ao Sr. Rapozo d'Almeida a mesma folha, e de facto a *Saudade* lhe foi entregue por um contracto, que todos vós ouvistes ler, ficando á Comissão o direito de rever os artigos, e envial-os para serem publicados tal qual a Comissão os remetteste. O Sr. Rapozo d'Almeida publicou nove numeros; depois participou ao *Gremio*, que não podia continuar a publicação, porque o numero d'assignantes não dava para o costeio da folha; assim iria a *Saudade* morrer nos braços desse pai adoptivo, perder os louros que tinha angariado no seu viver d'ontr'ora. A vós, Srs. socios, se deve a continuação dessa vida preciosa, a vós, que acolhestes com indignação a noticia fatal de sua morte, a vós cabe toda a gloria de continuar a publicar-se a *Saudade*. Propagai vossas luzes por esse vasto territorio, aonde se falla a lingua de Camões, propagai-a, e vereis a vossa fronte ingrainaldada de lou-

ros immarceceveis! Angariai-lhe assignaturas, e direis ao mundo que o querer é poder. Desculpai se me desviei um pouco de meu fim, devia seguir mais de perto a nossa instituição, fal-o-hei agora, se minhas forças assaz diminutas o permittem. Logo que se entregou a *Saudade* ao Sr. Rapozo d'Almeida, tratou-se de dar novo incremento á Sociedade. Convidara-n-se mais algumas pessoas que se prestaram a isso, e hoje o nosso *Gremio* contem em seu seio 23 Srs. socios. E' pois com a alma trasbordando de contentamento que vejo a nossa instituição ir seguindo passo a passo um caminho de prosperidade.

Em principio algumas desintelligencias tiveram lugar; mas destas desintelligencias ligeiras, proprias de todas as associações que principiam: hoje porém os socios do *Gremio Litterario Portuguez* formam uma só familia, todos são irmãos!

A Commissão encarregada de formular os estatutos desempenhou bem o seu encargo, e elles foram approvados pela assembléa, com algumas modificações. Alguns Srs. socios, pouco tempo depois julgando que elles não preenchiam o fim desejado, pediram reforma, em consequencia do que, soffreram algumas alterações ligeiras.

Um regulamento interno, para que seja observada a boa ordem das discussões, tambem foi approvedo. O estado das nossas finanças é li-songeiro, com quanto não tenhamos em nosso cofre avultada quantia, faz todavia face ás despesas. Pelo balanço que se achia presente vereis que as despesas deste trimestre foram de rs. 957600. Entraram com as suas joias 17 Srs. socios, a 57857000 rs., mensalidades recebidas 207000 rs. Fica por conseguinte um saldo a favor da sociedade de rs. 97400 a fóra 6 diplomas que faltam receber, e algumas mensalidades; por aqui vedes que o *Gremio* pôde funcçãoar desimpedidamente.

Em quanto á *Saudade*, não se pôde aventurar

uma idéa definitiva; depende das assignaturas que os Srs. socios agenciarem; nutro esperanças de que ellas chegarão para o costeio da folha. Os Srs. Ribeiro e Leiros (\*) conforme prometteram tem adiantado dinheiro para a continuação da publicação da mesma folha. A Directoria lhes dedica um voto de agradecimento. O Sr. Bento Serzedello teve a bondade de offerter á Sociedade 12 exemplares do 1.º semestre da *Saudade*, e segundo o desejo d'alguns Srs. Socios, e da Directoria mandou-se-lhe agradecer a offerta. O nosso socio o Sr. Antonio José de Faria tambem fez offerta de 4 quadros, contendo a familia Real Portugueza, agradeceu-se-lhe tambem; e ultimamente o nosso socio o Sr. Pereira Santiago offerreou ao *Gremio* oitenta e tantos volumes, obras em francez, d'acreditados autores. Não posso finalizar este sem dar um testemunho de minha gratidão a meus companheiros da Directoria: uma harmonia constante reinou entre nós, nem por um momento a discordia teve poder de desunir-nos; com taes pessoas pode-se servir em qualquer associação. Agora peço-vos para que façaes conservar a fraternidade que tem existido até aqui; peço-vos, que continueis a considerar os socios do *Gremio*, como uma só familia, para que meus successores, mais felizes e mais instruidos do que eu, possam levar ao auge a que tem direito o *Gremio Litterario Portuguez*.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1856.

O Presidente

JERONIMO JOAQUIM DE OLIVEIRA.

## LITTERATURA.

### Paginas intimas.

#### SEGREDOS.

#### XV

Ha dias em que a minha penna é para mim como São Thiago para os mouros!

Caprichosa como uma menina que ainda falla em *bonecas*, deixa-me em apertados transes, e como a menina que já falla em *bailes*, despede-se á franceza.... para voltar quando não estou em estado d'atural-a.

(\*) Cumpre-nos declarar, que o Sr. Oliveira tambem tem concorrido com parte do quantitativo necessario para o costeio da folha.

(NOTA DA REDACÇÃO.)

Quiz escrever umas *paginas intimas* que destruissem a impressão desfavoravel que tem deixado as outras; a occasião era perfeitamente escolhida; eu *sentia o sacro fogo arder na mente*, porém a senhora miuha penna *empacou* como o mais ruin *sendeiro*, e não houve forças humanas que a fizessem mover. E porque? perguntareis vós.

Por uma cousa tão simples como apoiados da minoria!

Segundo manda a regra, escreve-se antes de tudo a epigraphe; comecei, e puz — *nesgas*.

Eim? disse a penna, dando um salto, como o não faria qualquer gymnastico ou dançarino de corda.

Não comprehendí o que ella queria dizer com este aparte, e quiz prosequir.

Qual! a penna deu duas voltas em circulo, e com uma força de que a não julgava capaz, obrigou-me a pôr..... seis reticencias!

Comecei a comprehender, ella fazia ponto final, e que ponto final, meu Deos!

Que significa isto? perguntei-lhe.

Isto significa que estou resolvida a não ceder mais aos seus caprichos... *nesgas!* d'onde sahio tão bonito vocabulo? pelas respeitaveis cãs de minha avó! não escrevo nada que principie deste modo; *nesgas*.... é insupportavel; obrigar uma penna que ha escripto tantas phrases delicadas, obrigar-a a escrever uma que cheira a alfaiate ou costureira; não, prefiro servir a um escriptor de *odes* ou *sonetos* funebres!....

Era sublime a minha penna ao exprimir-se assim!

Que movimentos! que volver de olhos! que calor!

A' vista de tudo isto, ajuizai da minha posição, leitores!

Dei aos diabos quantas pennas ha neste mundo, e não sei por que artes de *berliques* e *berloques*, adormeci sobre o papel!

Pouco depois acordei.

O meu primeiro movimento foi olhar para a testemunha da decepção porque passára.

Julgai do meu espanto! estava todo escripto; e com rara perfeição; nenhuma entre-linhas, nenhuma suppressões; unicamente e.n vez de *nesgas* estava esta palavra — *segredos!*

Desafiaram-me a curiosidade, e li com avidéz.

Como esta rapida transformação teve lugar, é o que ignoro. Sei que o milagre se deu, e forçoso me foi acreditar que ainda ha santos.

Admirai connigo, leitores:

« O sol começava a descambar para o occidente :  
 « Pequenos e fracos raios avermelhados, mergulhavam-se na limpida corrente d'um ribeirão, e a mansa brisa, brincando além, fazia ondular graciosamente, os ramos das poéticas palmeiras.

« O sabiá desferia seus maviosos cantos, e o perfume embriagante das flores selvagens, vinha acordar de seus dourados sonhos, a linda donzella que, admirava a tarde, proxima a esse ribeirão.

« Se me fosse dado advinhar os pensamentos que lhe tumultuam no espirito, talvez que elles, e o grandioso desse espectáculo m'inspirassem um desses cantos sentidos e apaixonados, que soem brotar da mente daquelle que ama.... »

Provavelmente a pena cedeu ao somno tambem, e findou aqui.

E' segredo ; comprometto-me a dar-vos conhecimento delle, caso possa conseguir que a tal senhora caprichosa dê explicações.

Por isso perei unicamente ;

Rio, 3 de Junho de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

### Frederico

OU O MYSTERIO D'UM AMOR.

ROMANCE

CAPITULO III

(Continuação.)

No dia seguinte o doutor Lima veio ás mesmas horas, e como Alfredo não estivesse em casa, Margarida o fez entrar no aposento de sua ama, que pouco satisfeita do leito, já se achava vestida, e assentada em uma cadeira.

O doutor entrou, e depois de a ter cumprimentado com muita urbanidade e respeito, se assentou em outra cadeira que Margarida collocou junto á de Luiza.

— A senhora sente-se melhor ? perguntou o doutor á sua enferma com certo ar de interesse.

— Melhor, senhor doutor, melhor, respondeu Luiza n'um tom proprio de agradecimento.

— Senhora, eu tenho a revelar-lhe cousas de muita importancia, mas para dizer-lha's, é mister que não hajam testemunhas.

Luiza olhou para o doutor Lima com certa admiração, e depois lho disse ; — Margarida é

pessoa de minha confiança, demais sabe todos os meus particulares segredos ; já vê, senhor doutor, que não necessito de a mandar retirar.

— Pois bem, lhe tornou o doutor Lima, já que a senhora assim o quer, não insistirei mais. E' forçoso que nos expliquemos, a sua molestia não pôde obedecer aos medicamentos ; porque ella é da alma, e não do corpo.

Luiza, quando o doutor fallou deste modo, estremeceu toda, e disse consigo mesma : — Este homem que assim penetra nos arcanos do meu coração, é por certo algum feiticeiro !... Fingio então a maior serenidade que pôde, e continuou a dar-lhe mais attenção.

— Sei bem que os máos tratamentos que lhe tem dado o seu esposo, continuou o doutor arrastando a sua cadeira para mais perto da de Luiza, e os remorsos de ter desprezado a Frederico...

Luiza deu um pulo na cadeira, e exclamou perturbada : Frederico ! !... pois o Sr. conhece Frederico ? !...

— Sim, lhe tornou o doutor em meiga phrase, Frederico é meu intimo amigo, é um mancebo que longe de a offender com grosseiras expressões, como faz até na minha presença esse malvado a quem deu a mão injustamente, havia de fazer a sua felicidade. Frederico, senhora, é por mim tão estimado como se fôra meu proprio filho ; e acredite que se tenho frequentado esta casa por tanto tempo, não é por causa de seu esposo, mas sómente para poder dar novas suas ao meu amigo Frederico.

— Pois elle ainda se lembrará de mim ? !... disse Luiza com profundo sentimento.

— Frederico não é vingativo, respondeu o doutor, tirando alguns papeis do bolso, e para o provar-lhe vou mostrar uma carta que inda hontem recebi de le :

« Meu estimadissimo amigo, aqui tive a felicidade de receber sua carta, e muito folguei por saber noticias da minha ingrata e nunca esquecida Luiza: porém, meu amigo, se ella soffre como me diz, que tenha paciência, porque eu tenho soffrido mais. E' por demais sabido que os premios de nossa innocencia, e os castigos dos nossos erros, provém do céu pelo direito natural, e por isso, ninguem faça o mal esperando pelo bem, e quem fizer o bem deve esperar o premio, que se não fôr dos homens deve ser de Deos.

« Quando tiver a bondade de me tornar a es-

crever, lhe peço que indague mais algumas noticias a respeito della pois ahi a que ingrata, não posso desterrar de meu peito esse amor sagrado que lhe dediquei com fé e lealdade.

« Sou, como sempre, seu amigo sincero e obrigado

« FREDERICO THOMAZ DO AMARAL. »

Quando o doutor acabou de ler a carta Luiza chorava como uma criança, cobrindo com as mãos o rosto, encostou a cabeça ao leito sem dar a menor attenção ao doutor, que teve de ficar por algum tempo silencioso a esperar que ella acabasse de se lastimar, e por pouco que a não imiton, porque algumas lagrimas lhe assomaram aos olhos, á vista de uma tão triste scena. Depois Luiza como acordada de um sonho, e com uma resolução admiravel, voltou-se para o doutor, e disse-lhe :

— Senhor doutor, pela amizade que consagra a seu amigo Frederico, pelo interesse que tem tomado na minha sorte, peço-lhe, pela primeira e ultima vez, um serviço.

O doutor sem lhe passar pela idéa qual seria o seu pedido annuo promptamente.

Luiza sempre banhada em pranto, lhe revelou deste modo o fatal serviço.

— Senhor, eu lhe pedia que fizesse por meio da sua sciencia, que dentro de tres dias, pertença o meu corpo a terra e que minha alma siga o seu destino, participando depois a Frederico, que eu morri, mas que ao deixar o mundo me lembrei delle, e que tive muitos pezares do que injustamente lhe fiz; e um perdão sómente foi quanto lhe pedi na hora extrema do meu passamento.

— Não possu cumprir a minha promessa, por que não reflecti nella, a senhora ha de viver, disse o doutor com certa altivez, e continuou: Amanhã mesmo será separada do seu esposo. e talvez que venha inda uma esperanza alental-a, e Deos permitta que se venha a realisar a sua felicidade; creia com fé no que lhe digo, a prova que eu lhe poderia dar, tenho-a nesta carta, porém esta, senhora, desejo que seja lida diante de muitas testemunhas, não será jámais um segredo.... não l.... E mal acabou de dizer estas palavras se levantou, dizendo-lhe por ultimo: — senhora, até amanhã, confie na misericórdia de Deos, e na minha palavra, que neste momento solemne, é sagrada, e sabio immediatamente, sem que Luiza pudesse

colher delle algumas explicações, porque depois ficou pensando na carta profundamente. Pedio a Margarida que a ajudasse a despir, e logo se foi deitar, porque agora mais do que nunca se sentia muito fraca, não se levantou a resta do dia, e de noite pouco dormio; pois o caso não era para menos, como veremos depois.

*Continúa.*

M. LEITE MACHADO.

### Marthilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

### O RAPTO.

(Continuação.)

A scena que tivera lugar entre a velha Martha e o *Coxo* não foi bastante para que este esquecesse o motivo que o levára á casa da primeira; por isso, pouco antes da meia noite, ella se achava no lugar aprasado.

Soubrio e taciturno o *Coxo* começava a impacientar-se, quando ouviu passos.

Era o creado de Lourenço.

— Os outros? perguntou aquelle.

— Não podem tardar; deixei-os proximos á casa do doutor Rego; julguei conveniente mandal-os passar uma vista d'olhos pelos arredores della; porque, apesar de ser um pouco tarde, o doutor costuma recolher-se quando os mais acordam.

— Muito bem, esperemos, mas antes de tudo preciso alguns esclarecimentos sobre a casa. Sabes em que lugar dorme Luiza?

— Na extremidade d'um corredor que faz frente para a habitação dos creados.

— E o doutor?

— N'um quarto da sala de visitas.

— Por consequente....

— Bastante retirado para poder acudir de prompto.

— E os hospedes?

— Na mesma sala.

— Por este lado nada temos a temer; resta que a janella do quarto de Luiza esteja aberta.

— Deve estar; o Sr. Lourenço affiançou-me, e elle joga com dados certos.

— Comprou talvez algum creado?

— Uma creada *grave*, que deve á esta hora achar-se na margem opposta.

— Ten amo sabe prevenir tudo !...  
 — Não o conhece ainda, aquelle demonio é capaz de enredar o mundo todo. Tem uma tendencia tão pronunciada para... como se diz ?...

— Diplomacia ?

— E' isso mesmo !

Neste momento chegaram os outros.

— Então ?

— Podemos partir ; responder um dos recém-chegados. Expl ramos tudo, e nada encontramos que poss obstar á realisação da empresa.

— Partamos, disse o *Poeta*.

A distancia a percorrer era pequena ; meia hora depois chegavam.

A noite parecia favorecer os designios destes malvados ; a lua começava a esconder-se sobre grossas nuvens, e alguns choviscos tinham amollecido o terreno.

Como dissera o creado de Lourenço, Luiza dormia em um quarto na extremidade da casa ; a dos creados estava occupada unicamente durante as colheitas ; nada havia pois que os estorvasse de dar principio ao rapto.

Elles poderam penetrar no jardim, e escalando um muro que dividia a estrada, para a qual se podia sair por uma porta praticada nelle.

Prevenidos d'antemão, logo que se acharam dentro do jardim, abriram essa porta com uma chave falsa ; e eis como é facil commetter um crime.

Prevenil-o ? era impossivel ; o doutor Rego não tinha inimigos, e jamais se dera com elle identicos factos.

Lourenço trabalhava em silencio á muito tempo ; calculou que penetrar no interior pela frente da casa, tornava-se arriscado, porque havia a estrada *real*, as portas e os creados.

A unica difficuldade a vencer era a seducção da creada de Luiza, que dormia em um quarto contiguo ao della.

Como o conseguiu, é o que ignoro ; sei que ella partira sem ser vista, depois de ter dado todos os esclarecimentos e meios para facilitar o rapto d'aquella que lhe depositara talvez plena confiança.

(*Coninúa.*)

## Os esfaimados

### ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

#### I

### A CASA SOLITARIA.

O anno de 1831 foi muito amaldiçoado pelos habitantes das ilhas de Cabo Verde.

Estas ilhas apezar de fertéis, não são bem estimadas pelos seus habitantes, que em muitas dellas se entregam a uma indolencia deploravel, não se impartando com o futuro, e vivendo quas exclusivamente das plantações que a necessidade os obriga a fazer.

Muitos delles nem a isso se sujeitam, e vivem na miseria, e tendendo a mão supplicante a todo o estrangeiro, que ahí aborda ; como para dar uma idéa tri te do estado de abandono, a que em parte tem chegado a sua administração, e a pouca attenção que o governo de Portugal tem prestado a essas possessões. O anno de 1831 foi inteiramente esteril ; não choveu por muitos mezes ; e um calor desconforme, fez em breve seccar todas as plantas e até as mesmas arvores.

Os habitantes da ilha de Santo Antão foram os primeiros a soffrer os horrores da fome.

A distancia de meia milha da principal povoação de Santo Antão ha uma pequena colina onde está, desde muitos annos uma habitação de simples apparencia, que é denominada a *casa solitaria*. Os homens rudes, e algumas mulheres supersticiosas, contavam muitas historias de visões, que tinham apparecido aos viajantes que por ali passavam ; alguns diziam que tinham havido ali muitas mortes, e que as almas dos defuntos andavam penando em torno do lugar : outros contavam, que ella tinha habitantes negros, que tinham pacto com o diabo ; tornaram-se com o tempo tão assustadoras e-tas historias, que era preciso ser homem resolute, o que se attrevesse a passar por ali de noite.

A cabana era rodeada por montões de ruinas de uma habitação outr'ora maior.

Em uma noite muito tormentosa via-se apenas pela fresta feita na altura da parede o reflexo d'uma luz.

Dentro passeava um homem baixo, grosso e mal encarado fumando em um comprido cachimbo ; o vestuario era grosseiro e em um cinturão de couro que trazia á cintura viam-se reluzir os canos de duas pistolas.

Passados alguns minutos a tempestade tinha augmentado fortemente, o trovão roncava com força e algumas vezes os raios atravessando o espaço... cahiam, ora no mar, ora nas casas dos desgraçados habitantes da povoação. Um relampago, que alumiou o campo deixou ver um grande carro puxado por bois, e escortado por onze homens armados e todos encapotados. Ao aproximar-se da cabana pararam, e um delles deu tres vivos; a luz que se via pela fresta da cabana ficou encoberta; e repetiram de dentro o mesmo signal.

O carro seguiu de novo, e assim que chegaram á porta, ella abriu-se, e o homem que estava dentro, sahio e pronunciou estas palavras em sotaque carregado: « ólá, sejam bem vindos, por que esta noite tem custado a passar! tem cahido por ahí muita granada, é preciso cuidado; ao serviço rapazes!... » e os onze homens principiaram a carregar os volumes, que vinham no carro, e que constavam de barricas de bacalhão diversos barris, e outros generos de comestiveis, que desceram por uma pequena escada que havia ao lado direito da cabana cuja porta era á imitação da parede e pregada com fortes varões de ferro. A escada conduzia a um comprido corredor que continha de cada lado uma grande salla subterranea, onde depositaram todos os volumes juntos a outros muitos. Depois de acabarem o serviço reuniram-se todos na salla de cima em roda de uma banca, onde estava assentado o homem que ao principio estava só. Então podia-se ver bem a figura que faziam os doze contrabandistas; eram quasi todos homens robustos, bem armados, e alguns de mediana idade.

O que estava assentado era o chefe, e chamava-se Julião.

Passados alguns instantes levantou-se e carregando as sobrancelhas voltou-se para seus companheiros e disse-lhes com arrogancia.

— Ha perto de tres mezes que tenciono cumprir um desejo que o coração me manda; mas fui sempre contrariado pelos afazeres, ou por má occasião; porém a noite de hoje é a melhor que se podia offerecer para o que quero; por isso, sabeí que vamos entrar em uma empreza arriscada; mas nossas armas nos valerão, se nossa astucia e sagacidade não forem sufficientes. Trata-se de tirarmos uma mulher que me fez padecer por ella e que hoje me detesta mais que a morte; quero tal-a aqui, experimental-a; e se acaso ainda conservar o orgulho de que estava possuida vin-

gar-me-hei della, para assim saciar a raiva que me devora.

— Companheiros, vede que sou eu quem vos fallo; é vossó chefe; arriscaí-vos por elle que vos saberei recompensar e para que nada tenhais a temer examinaí vossas armas; eu vos acompanharei, e serei o primeiro a expôr-me.

Todos os contrabandistas examinaram as armas e responderam a uma: « Estamos promptos. »

— Theodoro, fica tu de guarda, olho vivo e mão forte!...

— Sim, meu chefe, saberei mostrar-vos para quanto presto. Os contrabandistas cobriram-se com os capotes, sahiram guiados por Julião e logo se perderam de vista com a escuridão da noite.

(Continúa.)

## A Providencia.

*Sin autem dii neque possunt nos juvare, neque volunt, nec omnino curant, nec quid agamus animadvertunt.... quid est quod illos diis immortalibus cultus, honores, preces adhibeamus?....*

CICERO.

A Providencia, segundo a definição dos philosophos, é essa acção universal de Deos, que o põe em relação com as creaturas, para sua conservação e perfectibilidade, e pela qual governa o mundo, assim na ordem physica como na moral.

O dogma da Providencia é uma consequencia necessaria do reconhecimento da existencia de Deos: porquanto, se á confecção do mundo presidio um ser intelligente, cumpria que lhe predispozesse meios e fins convenientes, e em relação com sua sabedoria. E com effeito, se dermos nossa contemplação á natureza, se ponderarmos na ordem interrupta, e admiravel que lhe é essencial, e que a caracteriza, veremos que ella revela um plano, um fim, e ao mesmo tempo a escolha e emprego de meios adaptados á sua consecução.

Lançai vossos olhos para esses globos luminosos, que como lentejoulas recamam e fimbriam o manto do empíreo, ora alvo como a éphode do sacerdote dos Hebreos, puro e sem mancha como a victima destinada ao holocausto, ora docemente anilado reflectindo a bondade do Creador. Acaso servem elles unicamente para satisfação de vossos olhos? não; são a bussolla, que ao viajar terres-

tre dirige durante a obscuridade da noite, são o pharol, que ao nauta traça o esteiro que deve seguir, quando póle sem perigo commetter se ao mar, e são o oraculo, que ao agriculã ensina a conjunctura de confiar as sementes ao seio da terra.

Attentai no movimento alternado e constante das aguas do mar, a que se chama fluxo e refluxo; é esse movimento, que impede a infecção das aguas, que inevitavelmente seguiria um repouso dilatado, e é ainda elle que tornando mais profundos os leitos dos rios, os abre a navegação. Olhai para o sol, é elle que nos traz a luz, que com seu calor salutar faz germinar os vegetaes, e reanima tudo o que respira. E' a acção de seus raios sobre os diversos corpos da terra, que nós devemos a attracção desses vapores, que condensados e cahindo sobre a terra, a humedecem e fertilizam.

Achais irregularidade e imperfeição nos accidentes e excrecências da terra, a que se denomina montanhas; pois são por demais uteis; são ellas os alambiques donde derivam as fontes e os rios; é em suas entranhas que se formam os metaes e mineraes, e como já alguém disse « são elles os *boulevards* da natureza, que preservam os paizes do furor dos mares, das tempestades, e da ambição dos conquistadores.

Nunca reflectiste sobre a fórma espheroidal da terra, e das vantagens que dahi nos resultam? Sem essa fórma quasi espherica, a luz e o calor não seriam distribuidos igualmente pela face da terra, o dia e a noite não se succederiam com regularidade, as aguas e os ventos não fariam sentir sua influencia benigna em cada angulo do globo, em justas proporções.

Quem não se encherá de admiração, ante o aspecto desse laboratorio de milhares de artistas, dessa pequena republica, as abelhas, sempre assíduas e infatigaveis no trabalho, exemplo vivo de diligencia e actividade, umas preparando a cêra, outras aperfeiçãoando-a, umas construindo os favos, outras emboçando as fendas dos cortiços para preservar-se dos ventos e insectos, estas em demandas do alimento para as recém-nascidas, aquellas transportando os corpos mortos, para remover a infecção? Quem ensinou a estes pequenos insectos a industria com que extrahem o succo das flôres, e com que o convertem apoz nesse bálsamo tão doce, que ellas não elaboram para sí, mas para prazer e alimento do homem?... Quem ensinou ao castor o plano regular, a soli-

dez e arte admiravel, com que estes portentosos amphibios constroem suas casas de varios andares, com seus repartimentos praticados por meio de portas, com suas calçadas, e sempre á beira d'agua para se banharem? Quem deu aos habitantes aereos o plano de seus ninhos, e a melodia de seus concertos, que tanto nos encantam? Quem á formiga inspirou esse instincto de cavar a terra, e transporta-la fóra de sua habitação, de colligir na estação calmôsa as victualhas necessarias a sua subsistencia durante o inverno, de edificar abobadas e galerias communicadas umas com as outras, e de modo que a agua tenha escoante? Quem ensinou esta industria, quem revelou este plano, quem deu esta melodia, quem inspirou este instincto, senão a Providencia, essa intervenção tutelar, esse concurso immediato da Divindade na conservação e destino de suas creaturas?...

(Continúa.)

D. A. M. DO AMARAL.

## POESIAS.

### Um adeus.

AO MEU AMIGO O SR. JOSÉ GALVÃO MEXIA.

Porque exulta minh'alma, há pouco triste?  
Porque bate com força desusada  
No seio o coração?  
Porque transborda no meu peito o jubilo?  
Que ventura presinto em aureos sonhos  
Abrandar-me a afflicção?

Vou deixar o Brasil!... vou ver a patria,  
Que, ha dous annos, deixei com magua minha  
Sem mais vel-a esperar!  
Vou ver de minha terra o céu amado,  
As ridentes campinas, e as arroios  
Serenos deslizar.

Vou ver as avezinhas variegadas  
Com seus doces gorgeios saudarem  
O nascer da manhã:  
Vou, de novo, abraçar a mãe querida,  
Meu velho pae, que tanto me estimava,  
E beijar minha irmã.

Vou deixar o Brasil ! a terra infausta, ( 1 )  
 Em que soffri dous annos, e não levo  
 Saudades, oh ! que não !  
 Uma nuvem, somente, vem toldar-me  
 A alegria — que deixo aqui penando  
 Um amigo, um irmão !...

Porque ha de sempre aos miseros humanos  
 Vir conter os impulsos d'aventura  
 Um desgosto cruel !  
 Porque ha de sempre a taça dos prazeres  
 No fundo ter do nectar saboroso  
 A amargura do fel ?

Vou deixar o Brasil ! — e tu cá ficas,  
 Amigo meu, soffrendo atroz saudades  
 Do nosso Portugal...  
 Perdoa, se senti muita alegria,  
 Ao saber da ventura inesperada  
 A nova festival..,

Perdoa, meu amigo, tu bem sabes  
 Que sempre te hei amado ternamente,  
 Qual não amo ninguem :  
 A Portugal me chama o meu destino ;  
 P'ra lutar com a vida vou deixar-te...  
 Amigo, sinto-o bem !...

Mas distante mil leguas desta terra  
 Em que ficas, amigo, esse teu nome  
 Terei no coração...  
 Feliz se conservares no teu peito  
 Do desditoso, que de ti se ausenta  
 Vivaz recordação !...

Vou deixar o Brasil ! Adeus ! amigo,  
 Recebe no teu seio carinhoso  
 Sentidos prantos meus !...  
 Vou ver a minha patria — e d'aqui longe  
 Que nos junte ditoso brevemente,  
 Eu vou rogar a Deos !...

Rio, 15 de Janeiro de 1856.

EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO.

( 1 ) Foi de facto infausta para este joven, pois soffreu muito desde que chegou ; era um verdadeiro martyr de commercio do Rio de Janeiro.

### A' muito sentida morte do meu amigo

ANTONIO JOAQUIM SOARES DA MOTTA

Mui digno socio do Gremio Litterario Portuguez.

#### ODE

Fugiste, ó caro amigo, deste mundo  
 Onde a vida é illusão ;  
 Foste buscar dos anjos companhia  
 Na etherea manção.

Vai, oh ! vai, meu amigo, e mil venturas  
 Tu possas lá gosar ;  
 Porque aqui esta vida mais não pôde  
 Que o martyrio nos dar !

Tu eras bom e Deos de ti contente  
 Para si te chamou ;  
 E a mim que te queria com extremo  
 Saudades me deixou !...

Quem fora tão feliz como tu foste  
 De ir habitar nos Céos ;  
 Por que eu fico a soffrer inda no mundo  
 E tu estás com Deos !...

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1856.

M. LEITE MACHADO.

#### VARIEDADE.

##### Inconveniente de mudar o nome.

E' um costume da alta aristocracia, e que mais d'uma vez tem dado lugar á sorpresas divertidas. Lord Liverpool, que foi por muito tempo primeiro ministro d'Inglaterra, tinha tido durante o principio de sua carreira politica o titulo de Hawkesbury.

Esta circumstancia era ignorada por Mme. de Stael.

Um dia que chalaceando com elle, ella se queixava da prolixidade dos oradores inglezes, ao pé da qual, com effeito, a dos oradores francezes não é nada, ella exclamou : « Mas, á proposito, Mylord, dizei-me pois, o que é feito de um lord Hawkesbury. que por si só me enfadava mais que todos os outros juntos ?

(Traduzido)

POR JOSE' MIGUEL DIAS FERREIRA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.